

O PROCESSO DE LEGENDAGEM NO BRASIL

Vera Lúcia Santiago Araújo
Universidade Estadual do Ceará

RESUMO: O processo de legendagem no Brasil depende do tipo de legenda usado. Na legendagem aberta, está ligado ao tipo de software utilizado pela empresa legendadora. O programa vai determinar o espaço que as legendas ocuparão. Esse espaço também será influenciado pelo tempo e pela velocidade da fala. Os legendistas nem sempre tem acesso ao programa, tendo que fazer a tradução num processador de texto. Depois disso, o texto é marcado e gravado na fita por outros profissionais. Na legendagem fechada, somente um software é utilizado, ficando o tradutor (estenotipista) responsável por todo o processo, com o auxílio de um estenógrafo computadorizado.

PALAVRAS-CHAVE: legendação/legendagem – legenda aberta/fechada – tradução

ABSTRACT: The process of subtitling in Brazil is dependent on the type of subtitle used. In open subtitling, it is attached to the software used by the subtitling company. The software will determine the space the titles will occupy. This space will also be influenced by time and speed rate. The subtitlers not always have access to this software, having to make their translation in a word processor. After that, the text is spotted and subtitled by other professionals. In closed subtitling, only one software is used and the translator (stenocaptioner) is responsible for the whole process by means of an stenograph.

KEY WORDS: subtitling – open subtitle – closed subtitle/caption – translation

A tradução por meio de legendas é a interpretação condensada ou não das falas de um filme ou programa de televisão. É atualmente muito utilizado no Brasil nos diferentes meios de comunicação. Antes da popularização dos canais a cabo, esse método de tradução audiovisual aparecia apenas nos cinemas e nos vídeos domésticos. Atualmente, as legendas podem ser vistas também na televisão fechada, onde a legendagem é mais comum do que a dublagem.

As pesquisas nessa área aconteceram principalmente na metade dos anos 80 na Europa e no início dos anos 90 no Brasil. Na Europa, são as empresas legendadoras, os distribuidores e os canais de televisão que produzem pesquisas para facilitar a divulgação de sua programação para diversas culturas diferentes. Já no Brasil, quase todas as pesquisas realizadas até agora foram feitas pela academia, através de várias teses de doutoramento e dissertações de mestrado. Os resultados destas pesquisas ainda não chegaram aos profissionais da área, apesar de essas pesquisas levarem em conta o contexto em que a tradução é realizada. Então, todo pesquisador nessa área precisa conhecer as condições de produção das legendas para poder analisá-las. Um aspecto importante a ser considerado é o processo de legendagem.

Aqui serão apresentados as principais características da confecção dos dois tipos de legenda mais comuns em nosso país – a legenda fechada e a legenda aberta. O foco será principalmente naquelas produzidas para televisão e vídeo. Antes de iniciarmos essa apresentação, gostaríamos de esclarecer algumas questões sobre o tema.

1. A CLASSIFICAÇÃO DAS LEGENDAS

A legenda pode ser classificada segundo dois parâmetros: o LINGÜÍSTICO e o TÉCNICO. Quanto ao primeiro parâmetro, pode ser tanto intralingual quanto interlingual. A INTRALINGUAL é aquela na mesma língua do texto falado. É usada em programas domésticos para os telespectadores com problemas auditivos, em programas destinados a aprendizes de uma língua estrangeira (Gottlieb, 1998) e também nos telejornais para reportagem cujo som não esteja muito audível.

A legenda INTERLINGUAL é aquele tipo mais conhecido, ou seja, é a tradução, na língua de chegada, em forma de código escrito, dos diálogos de um filme ou programa de TV em língua estrangeira. É o tipo de legenda mais conhecido, pois é aquele utilizado nos cinemas, nos vídeos e nas televisões brasileiros.

Quanto ao aspecto técnico, elas podem ser abertas ou fechadas. A legenda ABERTA é aquela sobreposta à imagem antes da transmissão ou exibição, ou seja, sempre aparece na tela e não depende de um decodificador para ser acionada. Pode ser “virtual”, no caso de transmissão por satélite, “queimada” a ácido (nos filmes em película para exibição em cinema) ou gravada eletronicamente (nos filmes para distribuição em vídeo). Pode ser de cor amarela ou branca, podendo aparecer na tela centralizada e alinhada à esquerda ou direita.

A legenda FECHADA (*Closed caption*) é escrita em letras brancas, em caixa alta ou baixa, sobre tarja preta. O acesso ficará a critério do telespectador através de um decodificador de legenda (tecla *Closed caption*) localizado (quando disponível) no controle remoto do aparelho de televisão. Essas legendas são convertidas em códigos eletrônicos e inseridas na linha 21 do intervalo vertical em branco do sinal da TV. Pode ser de 2 tipos:

A legenda do tipo rotativo (ou *Roll-up*) é aquela cujas linhas sobem da parte inferior da tela de TV continuamente, em um máximo de 4 linhas por vez (aqui no Brasil são duas linhas) e as palavras que a compõem são exibidas da esquerda para a direita. Geralmente, é o tipo usado para legendagem fechada ao vivo. Esse sistema rotativo de legendagem pode ser encontrado nos telejornais, no “Fantástico” e no “Programa do Jô” exibidos pela Rede Globo de Televisão como se pode observar na reportagem do Jornal Nacional abaixo (figura 1).

A legenda *Pop-on* é aquela cujas frases ou sentenças surgem como um todo e não palavra por palavra como acontece com a legenda rotativa. Ficam temporariamente na tela, geralmente em sincronismo com o áudio, desaparecendo em seguida ou sendo substituídas por outras legendas. É o tipo de legenda usado em programas pré-gravados. A legenda *Pop-on* assemelha-se à legenda aberta. A Globo a utiliza para os filmes e mini-séries, como mostra a figura 2, um trecho da mini-série “Jesus”.

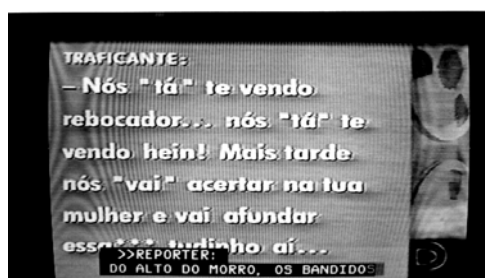


Figura 1: Legenda Fechada *Roll-up* (Foto Cid Barbosa)



Figura 2: Legenda Fechada *Pop-on* (Foto Cid Barbosa)

Vale ressaltar, que nesse caso a mini-série é legendada a partir do filme dublado em português, o que não ocorre com a versão em legenda aberta, traduzida diretamente do inglês. Aqui temos uma tradução pivô (pivot translation), ou seja, uma tradução feita a partir de outra tradução. Pelo exposto, pudemos constatar que a legenda fechada no Brasil, geralmente, aparece em traduções intralinguais. No caso da legenda fechada *Roll-up*, a tradução aproxima-se de uma transcrição, isto é, a legenda fechada traz quase toda a fala original, diferentemente da legenda aberta, em que muita condensação é feita. Na Inglaterra, segundo De Linde & Kay (1998), as legendas fechadas são editadas e chamadas de *Closed subtitles* e não *Closed caption*, como no sistema americano. Esta edição feita no sistema europeu, também acontece nas legendas fechadas *Pop-on* brasileiras. Entretanto, como são produzidas a partir do texto dublado, a quantidade de condensação, algumas vezes, é menor do que a da legenda aberta.

Após essa breve exposição sobre as definições de legenda aberta e legenda fechada, passaremos a discutir o processo de produção dessas legendas.

3. A LEGENDAGEM ABERTA

O processo de legendagem aberta para vídeo e televisão no Brasil funciona da seguinte maneira. Primeiro, o tradutor recebe do “laboratório” ou “empresa legendadora” a fita a ser traduzida. Depois da tradução, vem a MARCAÇÃO (o início e o fim de cada legenda) realizada por um profissional chamado de MARCADOR. Em seguida, as legendas são revisadas pelo REVISOR para serem gravadas na fita por computador ou por um operador. Portanto, podemos perceber que quem põe as legendas na fita não é o tradutor e sim um profissional chamado por Alvarenga (1998:216) de LEGENDADOR. Para diferenciar esse profissional do tradutor, a autora o chamou de LEGENDISTA, fazendo uso de um termo já utilizado em duas obras de referência da língua portuguesa (“Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa” de Caudas Aulete e “Dicionário Contemporâneo da Enciclopédia Mirador Internacional”). Resumindo, os termos seriam os seguintes:

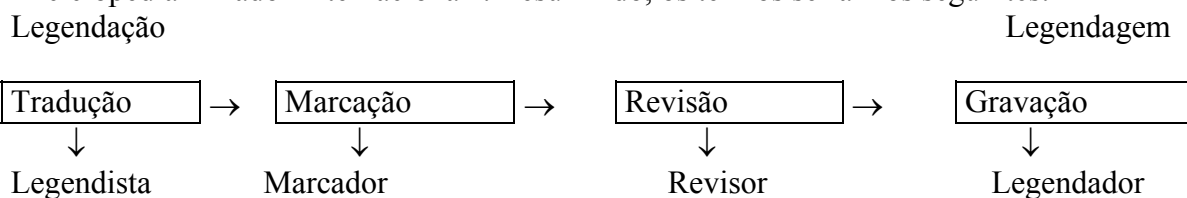


Figura 3: O Processo de Legendagem no Brasil

O diagrama mostra que Lina Alvarenga divide o processo em duas etapas. Chama o processo todo de LEGENDAGEM, reservando para a tradução um termo específico, a LEGENDAÇÃO. A autora propõe esta divisão, porque aqui o tradutor não é o responsável por todo o processo, como acontece na Europa. Portanto, *Subtitling* em inglês seria, legendação e legendagem em português.

A legendação de um filme pode ser feita com ou sem o auxílio de um *software* específico. Todas as empresas legendadoras ou emissoras de TV usam um *software* específico para legendagem nas fases de marcação e gravação das legendas na sub-matriz do cliente, mas apenas algumas permitem que seus tradutores o utilizem na fase de legendação. O uso do programa facilita o trabalho de preparação das legendas porque essa é

uma das suas principais finalidades.

Se a empresa legendadora ou emissora de TV não fornece ao seu legendista o *software* adotado, a legendação é executada com um processador de textos normal - geralmente o *Word for windows*. Quando a legendagem eletrônica era feita apenas com um gerador de caracteres, pedia-se ao tradutor que fizesse suas legendas em letra de forma em papel quadriculado ou datilografada. Para isso, o legendista precisava fazer a marcação do tempo de fala mentalmente ou, de posse do roteiro, marcar as pausas no texto escrito.

No Brasil, os programas de computadores para a legendagem (SYSTIMES e SCANTITLING, conhecido como CAVENA) não são utilizados com muita frequência pelos tradutores pela dificuldade de acesso a eles. O processo acontece da seguinte forma: o distribuidor passa a fita matriz para a empresa legendadora, que contrata o tradutor. A marcação é feita manualmente com a ajuda de um microcomputador, do programa *Word* e do *Time code reader*. A fita de trabalho ou seja a fita a ser legendada vem com um relógio que marca as horas, os minutos, os segundos e os quadros do filme. Esse relógio é chamado de *Time code reader* (TCR) e constitui-se na principal ferramenta de trabalho do legendista. Essa ferramenta torna-se ainda mais importante se a legendação não for feita com *software*. O TCR **01:20:33:01** mostra que o filme já rodou uma hora, vinte minutos e 43 segundos. A imagem se encontra no quadro 1 de um total de 29 quadros por cada segundo.

Depois de concluída a legendação, o legendista entrega sua tradução para o “marcador”. Depois de passar pelo “revisor”, o processo chega ao fim com a atuação do “legendador”.

Luyken (1991:42-45) mostra os aspectos que influenciam a confecção das legendas. São eles:

1. o espaço na tela disponível para o texto: a legenda tem no máximo duas linhas de 2s cada; num filme de 35 mm (o mais usado na TV) o máximo de caracteres por linha é entre 32 e 40, no de 16 mm o máximo fica entre 24 e 27;
2. o tempo disponível para cada legenda depende de três fatores - a quantidade de texto, a velocidade de leitura dos telespectadores (normalmente entre 150 a 180 palavras por minuto) e os intervalos entre uma legenda e outra (aproximadamente ½ segundo);
3. o tempo de inserção e retirada de cada legenda: geralmente são observados os cortes (mudança de cena) e as pausas (quando o personagem se cala para respirar) e o formato das legendas na tela.

Como foi dito anteriormente, no Brasil o número de caracteres por linha vai depender do tipo de *software* a ser usado para a legendação. Durante a legendação, se o tradutor não dispuser do programa, pode fazer uma simulação dele, através de papel quadriculado e do *Word*. Com a régua do processador de texto medindo 4,25 cm, 4,5 cm e 4,75 cm (fonte *times new roman* tamanho 10), o tradutor teria, aproximadamente as seguintes relações de caracteres por segundo:

	4,25	4,5	4,75
1s	14 caracteres	15 caracteres	16 caracteres
2s	28 caracteres	30 caracteres	32 caracteres
3s	42 caracteres	45 caracteres	48 caracteres
4s	56 caracteres	60 caracteres	64 caracteres

Figura 4: Relação Tempo/Caráter na Simulação do Software de Legendagem

Para exemplificar, vejamos como se dá o processo da legendação do seguinte trecho do filme “Uma Babá Quase Perfeita” (1993), utilizando a régua de 4,5 cm (Araújo, 2001:143-144):

Sra Doubtfire: Those who don’t follow the schedule will be punished.

Natalie: Punished?

Lydia: She’s lying. She would never punish us.

Sra Doubtfire: Don’t fuss with me!

A cena dura 10s, tendo o primeiro personagem falado por 3s, com direito a 45 caracteres. A fala teve a seguinte legenda:

Q	u	e	m		n	ã	o		s	e	g	u	i	r		o		h	o	r	á	r	i	o	,		s	e	r	á
p	u	n	i	d	o																									

O formato dessa legenda ficou um pouco diferente na tela, provavelmente porque esta empresa legendadora achou que aumentava a legibilidade (Quem não seguir o/ horário, será punido). Natalie e Lydia falaram por 1,5 segundo (pouco mais 15 caracteres). Apesar do corte (esse assunto será abordado a seguir), não há tempo para duas legendas (pelo menos 1s cada). Neste caso, as duas falas ficam na mesma legenda, formando um diálogo:

-	P	u	n	i	d	o	?																							
-	E	l	a		e	s	t	á		m	e	n	t	i	n	d	o	.												

As duas últimas falas possuem a duração de 1s cada. A primeira é a segunda parte da fala de Lydia, que ganhou outra legenda, devido ao corte e Natalie falar menos de 1s. As duas legendas ficaram assim:

E	l	a		n	u	n	c	a		n	o	s		p	u	n	i		r	i	a	.							
---	---	---	--	---	---	---	---	---	--	---	---	---	--	---	---	---	---	--	---	---	---	---	--	--	--	--	--	--	--

N	ã	o		s	e		m	e	t	a		c	o	m	i	g	o	.											
---	---	---	--	---	---	--	---	---	---	---	--	---	---	---	---	---	---	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Vejamos agora os principais aspectos referentes à legendagem fechada.

3. A LEGENDAGEM FECHADA

A legenda fechada no Brasil é produzida por uma empresa chamada Steno do Brasil. A Globo, a única emissora que legenda regularmente sua programação, envia o sinal por satélite para a companhia, que legenda a programação, muitas vezes, em tempo real, pois muitas reportagens são feitas ao vivo.

O profissional encarregado da legendagem é chamado de “estenotipista” (*stenocaptioner* em inglês), utilizando o “estenógrafo computadorizado” (*steno-graph*). Para desempenhar tal tarefa, o profissional precisa ser um bom digitador, pois necessita digitar em média 160 palavras por minuto. Existem ocasiões em que tem que lidar com repórteres (caso de Cléber Machado) que chegam a falar 187 palavras por minuto em programas legendados ao vivo (Klein, 2000).

O estenógrafo é equipado com um teclado especial, o estenótipo (*steno-type*). O aparelho tem 24 teclas que podem ser acionadas simultaneamente, o que possibilita uma maior rapidez. Outro fator preponderante para sua agilidade é o fato de as palavras serem digitadas pelo som, ou seja, pela fonética aproximada e não pela ortografia. Com apenas poucos sons digitados, um programa de computador faz a busca num dicionário e encontra

a palavra desejada. Entretanto, algumas vezes isso não acontece, podendo a operação produzir uma palavra indesejada.

Robson (1997:73-4) acrescenta que o estenótipo é igual ao teclado usado em tribunais e não tem muita semelhança com o de um computador ou de uma máquina de escrever. As sete teclas da esquerda (STKPWHR) são pressionadas com os dedos da mão esquerda para criar consoantes iniciais (sons no início da sílaba) e as 10 da direita (FRPBLGTSDZ) criam as consoantes finais. Os polegares escrevem as vogais (AOEU). Para exemplificar que as palavras são digitadas pelos sons e não pela ortografia, dá o exemplo da palavra inglesa “cat” (gato). Diz que para escrevê-la, pressiona-se simultaneamente as teclas K-A-T. Para escrever uma letra que não consta no teclado, basta pressionar uma combinação das teclas existentes. Muitas vezes, essas combinações podem mudar dependendo da posição dos sons. Por exemplo, se o som [n] for inicial, as teclas TPH devem ser acionadas simultaneamente. Em posição final, devem ser pressionadas as teclas PB. Resumindo, para digitar uma pequena palavra como *Non* em inglês, deve-se usar a seguinte combinação: TPH (com a mão esquerda), O (com o polegar) e PB (com a mão direita).

Para os algarismos, é preciso pressionar a barra de números para que eles surjam na tela: “1234” (mão direita), “6789” (mão esquerda), “0” (polegar direito) e “5” (polegar esquerdo). O estenotipista pode escrever qualquer combinação numérica, acionando as teclas desejadas. Se a combinação puder ser lida da esquerda para a direita, como o número “137”, as três teclas podem ser acionadas ao mesmo tempo. Caso contrário, como o número “731”, cada tecla é pressionada individualmente. Por isso, muitas vezes, pode-se observar que o estenotipista prefere digitar o número por extenso para evitar que um número indesejado apareça na tela.

Estas são as principais características do processo de legendagem no Brasil. Qualquer análise do produto desse processo precisa ter em conta qual a influência dele na tradução. Este procedimento é necessário, porque a legendagem, apesar de utilizar a escrita como instrumento, não pode ser tratada como um texto escrito. Como pudemos observar, o processo é bem mais complexo, envolvendo muitas questões técnicas, textuais e tradutórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVARENGA, L. *Subtitled: legendador ou legendista?* In **Anais do I CIATI - Congresso ibero-americano de tradução e interpretação**. São Paulo:1998, 214-216.
- ARAÚJO, V.L.S. *Por que não são naturais algumas traduções produzidas para o meio audiovisual?* In **Tradução e comunicação. Revista brasileira de tradutores**. São Paulo: Unibero, n. 10, 2001, 139-152.
- DE LINDE, Z. & KAY, N. **The semiotics of subtitling**. Manchester:St. Jerome, 1999.
- GOTTLIEB, H. *Subtitling*. In **Routledge encyclopedia of translation studies**. In. Baker, M. (ed.), Londres: Routledge,1998, 244-248.
- KLEIN, M. *Legendagem de programas ainda é pouco utilizada na TV brasileira*. In **Folha de São Paulo:Caderno de TV**, 3/9/2000.
- LUYKEN, G.M. et al. **Overcoming language barriers in television. Dubbing and subtitling for the european audience**. Manchester: The European Institute for the Media, 1991.
- ROBSON, G. **Inside captioning**. Castro Valley, California: CyberDawg Publishing, 1997.